



Bruna Benini Wanick de Almeida Guedes

**O Japão do pós-guerra: a catarse da tradição e da
modernidade em Yukio Mishima**

Monografia apresentada à
Graduação em História da PUC-Rio
como requisito parcial para a obtenção
dos títulos de bacharel e licenciatura em
História.

Orientador: Prof. Dr. Maurício
Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro
Novembro de 2010

Ao meu avô Floro Wanick.

Agradecimentos

Em primeiro lugar à minha mãe, sem o seu apoio e esforço na manutenção da minha graduação eu não teria a oportunidade de conhecer tantas pessoas interessantes, bem como professores que mudaram a minha maneira de ver o mundo. Você sempre está comigo, sejam nos momentos mais críticos, sejam naqueles mais felizes, buscando sempre o meu bem; eu sempre aprendo algo novo com você. Muito obrigada mãe, pela jornada proporcionada.

À minha avó Zita e meus irmãos Camilla e Gustavo pelo carinho de toda hora; a minha tagarelice sobre o Japão e música japonesa não vai sair da cabeça de vocês tão cedo, tenho certeza!

À garotas mais sensacionais, cujas amizades são qualquer coisa que não há como pôr em palavras, com vocês eu rio e me divirto muito, sempre. A alegria de termos nascido na mesma época e podido nos conhecer é única, obrigada por existirem e de terem feito a minha vida mais colorida e radiante com as nossas risadas, trapalhadas e confabulações: Alessandra Seixlack, Alexandra Guimarães, Flora Laviola, Gisele Matos, Maria José, Maria Luiza (Malu), Natália Fernandes, Paloma Brito e Ragda al Assar.

Ao carinho e amizade igualmente importantes de Ana Toledo e Bianca Miyuki; nossas conversas sobre a cultura japonesa sempre tão frutíferas e divertidíssimas. Com vocês tenho a oportunidade de descobrir um pouco mais sobre esse povo e país tão singulares, seja para o bem ou para mal! Pois na História não há “bonzinhos”, não é mesmo?

Ao professor Maurício Parada por acreditar nesse tema que me desperta tanto apreço e por me fazer cingir em busca de novos e outros olhares sobre o estudo da História. Às professoras Flávia Schlee Eyler e Isabela Fernandes por me ensinarem a gostar mais e mais de História Antiga e Mitologia; um mundo de possibilidades e reflexões se abriu diante mim por conta de suas aulas e está

indelével em mim. Aos funcionários do Departamento de História da PUC-Rio, em especial à Anair, Cleusa e Moisés, por serem sempre tão solícitos e pessoas maravilhosas.

À PUC-Rio pela bolsa concedida e incentivar o meu desempenho acadêmico.

E por fim, duas queridas amigas que estão na estrada há tempos comigo, Ludmila Monsores e Natália Vidal. Vocês duas são simplesmente incríveis; tê-las como amigas foi uma das melhores coisas que já me aconteceu, adoro vocês.

Resumo:

O Japão do pós-guerra, destruído e estremecido moral e espiritualmente, foi ocupado pelas forças militares americanas que promoveram o reerguimento do país primeiramente em moldes políticos e depois sociais e econômicos pelo medo do avanço do socialismo na Ásia com o fim da Segunda Guerra Mundial; o Japão, de inimigo torna-se aliado dos americanos. Estes defendem uma nova Constituição ao país que será subtraído militarmente e emocionalmente; o início de uma rejeição à tradição em detrimento da novidade, a inserção do Japão a uma modernidade forçada. Importantes valores aos japoneses permanecem olvidados no pós-guerra.

Crítica de Yukio Mishima à incipiente nova sociedade japonesa tendo como base o manuscrito Hagakure, de Tsunetomo Yamamoto, que à sua época também criticara severamente o corrompimento dos samurais. Mishima reage ao tipo de país que o Japão se tornara, uma tensão entre os valores tradicionais samurais e a modernidade. A importância na questão da morte para a sociedade japonesa que enfraquece seu significado em vista dos novos tempos.

Yukio Mishima e um pouco da trajetória de sua vida como escritor; sentimento de deslocamento e obsessão pela morbidez da morte; sua frustração diante de um Japão irreconhecível e enfraquecido espiritual e moralmente.

Palavras-chave:

Japão; Literatura; Modernidade; Pós-guerra; Yukio Mishima.

Abstract:

Japan's postwar shaken and destroyed morally and spiritually, was occupied by U.S. military forces that promoted the up building of the country first in molds and then political social and economic advancement by fear of socialism in Asia with the end of World War II; Japan, the enemy becomes an ally of the Americans. They claim a new constitution to the country that will be subtracted militarily and emotionally, the beginning of a rejection of tradition rather than the new, the inclusion of Japan to a modern forced. Values important to the Japanese remain forgotten in the postwar period.

Critique of Yukio Mishima to incipient new Japanese society based on the manuscript Hagakure of Yamamoto Tsunetomo that their time also severely criticized the corruption of the samurai. Mishima reacts to the kind of country that Japan had become, a tension between traditional values samurai and modern. The importance of the issue of death for Japanese society that weakens its significance in view of the new times.

Yukio Mishima and a little of the trajectory of his life as a writer; sense of displacement and morbid obsession with death, his frustration in an unrecognizable Japan and weakened spiritually and morally.

Keywords:

Japan; Literature; Modernity; Post-war; Yukio Mishima.

Sumário

Agradecimentos.....	3
Resumos e palavras-chave.....	5
Epígrafe.....	7
Introdução.....	8
Capítulo um.....	12
Capítulo dois.....	23
Capítulo três.....	35
Considerações Finais.....	44
Referências Bibliográficas.....	47

“A fidelidade absoluta à morte deve ser elaborada a cada dia. Devemos começar cada dia com uma meditação silenciosa, imaginando a nossa hora final e as várias maneiras de morrer [...] e começar o dia morrendo.”

Hagakure
Tratado japonês do século XVIII

Introdução

A maneira como esta monografia tomou forma valeu-se primeiramente do meu franco e insaciável interesse e curiosidade pela cultura e história do Japão, bem como o gosto pela literatura que igualmente foi ponto capital para sua elaboração. Ambos os temas tão por mim apreciados resultaram em experiências de leituras fascinantes e reveladoras sobre um país estremecido pela guerra, rivalizando ora com a tradição que cambaleava, ora com a modernidade irresistível; nesse cenário perturbador e conflituoso, o escritor Yukio Mishima atraído pelo patriotismo do Japão imperial, percebe-se irresoluto nessa via, porém sozinho em sua jornada invocando um Japão imperialista e tradicionalista que simplesmente estava em vias de extinção. O fim da Segunda Guerra Mundial é, ao mesmo tempo, o fim do Japão de rituais dos códigos samurais tradicionais. As práticas que levam Mishima a dar cabo de sua vida se tornaram anacrônicas para o seu próprio povo.

A rendição japonesa com o fim da guerra, trouxe grandes pretensões econômicas aos americanos, entretanto inicialmente houve cautela em relação a essa abordagem, primeiramente o dever era cooperar e auxiliar a Nação; o Japão estava arruinado depois de duas bombas nucleares e o povo atravessava com intensa dificuldade os primeiros anos do pós-guerra. O país foi assistido financeiramente num segundo momento pelos Estados Unidos por causa do medo desses em relação ao socialismo que se aproximava cada vez mais do Extremo Oriente. Os americanos chegaram à conclusão que era melhor ter o Japão ao seu lado do que influenciado pelo inimigo. E assim o foi.

Logo o país recebeu ajuda monetária, houve importantes e delicadas mudanças no pensamento político, social e cultural e paralelamente a isso, os japoneses tiveram sua Constituição imperial alterada, acrescida de elementos democráticos que baniam, por exemplo, o poder político do imperador, tornando-o apenas simbólico. Depois de algumas décadas o Japão parece mostrar um interesse crescente no seu poderio bélico, e de fato o país investia nisso, porém o seu alcance e influência eram praticamente limitados, física quanto politicamente. Outros símbolos e rituais ligados à guerra ou não foram simplesmente coibidos, e os próprios japoneses, pouco a pouco, foram igualmente sufocando essas vozes, transformando-as em coisas do passado. Entretanto a figura de Mishima salta, se

desprende dessa nova roupagem e clama para quem quisesse ouvir que esse novo Japão era um erro e que estava se rumo.

Yukio Mishima nasceu em 14 de janeiro de 1925 em Tóquio; seu nome real era Kimitake Hiraoka e foi estudante de Direito em Tóquio. A mudança no nome adveio para enganar o pai que desaprovava o seu gosto por literatura. Foi na infância criado pela avó paterna que o mantinha bastante isolado e recluso; essa atmosfera mais ou menos sombria contribuiria mais tarde por influenciar sua escrita. Tornou-se um grande apreciador de literatura ocidental e experimentou imitá-la em suas primeiras obras, que falam, com bastante morbidez, a vida da juventude do pós-guerra. Seu primeiro romance, *Confissões de uma Máscara (Kamen no Kokuhaku)*, foi publicado em 1949; de relevância autobiográfica, mostrou elementos que pontuariam outros trabalhos seus como a beleza combinada com o sentimento mórbido da morte, o culto pelo heroísmo e na convicção no destino trágico de todo o indivíduo. O pensamento ocidentalizado confrontava intensamente com seu espírito ligado às tradições japonesas unido ao militarismo. Além de escritor, produziu também roteiros de filmes, ensaios e peças de teatro; tinha uma fixação pelo corpo masculino, praticava intensamente exercícios físicos para gozar de boa saúde, mas também porque implicava as tendências homossexuais de Mishima.

Em 1968 funda a “Associação do Escudo” (*Tate no Kai*), reunida e treinada pelo próprio Mishima, cujos uniformes considerados teatrais e hinos proferidos eram obras do escritor. Através desse grupo Mishima procurara preservar os valores heroicos e patrióticos do Japão que haviam se diluído em meio a uma economia e modernidade agora vigorosas. No seu *Hagakure* ele explora continuamente o sentido da morte que a sociedade japonesa perdera em prejuízo de uma ideia de “quanto mais tempo se viver, melhor”, ocultando dessa maneira certos perigos e tensões que daí o país poderia experimentar.

A presente monografia se encontra dividida em três capítulos:

O capítulo um estabelece o desenlace entre o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, a atuação das Forças de Ocupação em território japonês, as severas e transformadoras mudanças que o país é obrigado a enfrentar, bem como ter sua Constituição modificada e o que daí implicaria. Se à primeira vista a intenção é apenas cooperar na reconstrução política do país, sem se enveredar pelo aspecto político, logo os americanos abandonarão esse papel e assistirão o Japão financeiramente, mais por

medo da sombra da URSS que se alongava na região do que por qualquer outra coisa. Além disso, há o interesse cada vez menos discreto de remilitarização dos japoneses, fato que ocorre após algumas décadas, finda a guerra. O país é conduzido a transformações, mas se torna protagonista de sua própria mudança.

O capítulo dois entrelaça aspectos como o imperialismo japonês, o código de conduta dos samurais e um Japão moderno e materialista; esses fatores entrarão em choque e a Nação japonesa se sentirá desorientada por conta do esgotamento e esvaziamento dos símbolos e tradições caros ao país, mas que lenta e dolorosamente se esfacelam em vista da melhoria de vida das pessoas em relação ao tempos de guerra. Aqui, por meio do seu *Hagakure*, Yukio Mishima fomenta uma severa crítica ao Japão do pós-guerra, exaltando o “impulso da morte”, a importância de refleti-la na vida cotidiana que parece ter sumido da mente das pessoas, interessadas em modismos e luxo.

O terceiro capítulo aborda, por meio da obra de Marguerite Yourcenar (*Mishima ou a Visão do Vazio*), aspectos que aprofundam e dão mais subjetividade àquele Mishima apresentado no capítulo anterior. Intercalando sempre vida e obra do autor, Yourcenar constrói e desconstrói imagens de Mishima, seja nas suas obras ou atuações em filmes. Organiza diferentes paralelos entre os ensaios de sua morte ritual, sua obsessão por tal gênero. Enfim, desenha um trajeto meticuloso da fatalidade que estava por vir de um homem que se via prensado entre o que parecia ser dois mundos distintos, mas entre os quais conseguia caminhar com extrema destreza, mantendo certa fixação doentia por aquele que correspondia ao Japão imperial, de valores guerreiros.

Antes de o meu orientador sugerir, eu desconhecia o nome de Yukio Mishima na literatura japonesa e o que ele provocara à sociedade nipônica cerca de vinte anos após o fim da guerra; sua sensibilidade aguçada percebeu um Japão completamente frouxo e prostrado diante de uma política nacional cínica e fraca, enquanto as pessoas só pensavam em enriquecer e acumular bens materiais. Mishima certamente, seja por meio de suas obras impregnadas de muitos aspectos sombrios e melancólicos, seja por meio de suas ações, tornou-se uma figura ímpar no seu tempo e que provavelmente o Japão não voltará a conhecer semelhante. Creio ser no seu desespero um sinal da sua dificuldade em se ajustar aos novos tempos do seu país.

Ao longo das primeiras leituras e discussões sobre o tema, achei ser complicado trabalhar com um escritor cuja personalidade foi tão intensa e subjetiva, tão “homem do

seu tempo”; mas aos poucos pude desvendar mais detalhadamente e achar surpreendentemente irresistível sua figura. Trabalhar nessa monografia foi realmente valioso e pude aprender mais como pessoa e como historiadora.

CAPITULO UM

“O Japão era uma tela em branco, na qual qualquer quadro poderia ser pintado.”¹

O verão de 1945 fora para os japoneses como nenhum outro; a destruição em massa provocada pelas bombas atômicas, o poderio militar completamente arrasado e a economia desfacelada desafiaram o país a se reerguer. Chegava ao fim a reivindicação japonesa pelo controle do Oceano Pacífico Ocidental, concomitantemente o ocaso do imperialismo japonês. Os Estados Unidos asseguravam assim a hegemonia sobre o Pacífico, cara à lógica de sua estratégia geopolítica.

A capitulação do Japão deixou o país completamente prostrado diante do poderio americano; a vitória arrasadora e completa deixou aquele, então um inimigo mortal, inteiramente sob controle. George Friedman e Meredith Lebard apontam que naquele momento os Estados Unidos se dirigiam à guerra em termos dos mais genéricos, falavam em democracia, igualdade e justiça; todavia por baixo dessa aparência, muitos americanos pensavam em estratégias, padrões de comércio, no controle das rotas marítimas e supremacia aérea. Pulsava entre os norte-americanos um forte sentimento de poder, e entre militares e burocratas se esquadrihava planos para a ocupação do Japão. A guerra tinha fins estratégicos e morais amplos e bastante definidos; entretanto acabaram se vendo e compelidos a governar o país derrotado. Segundo os autores supracitados, a guerra fora um projeto moral, e lidar com o Japão foi entendido igualmente como um problema moral.

“Cabia aos Estados Unidos transformar o Japão numa sociedade humana, liberal e democrática, baseada na lei, na igualdade entre os homens e nos direitos do indivíduo.”²

¹ George Friedman e Meredith Lebard. “Os planos dos EUA para o Japão no mundo do pós-guerra”. In: *EUA x Japão: guerra à vista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, pp. 105-106.

² Ibid., p. 89.

Os Estados Unidos queriam assegurar-se de que o derrotado não mais poder-se-ia levantar e empreender outra guerra; a rendição incondicional após a perda da guerra significaria, para os japoneses, o prejuízo de sua soberania, bem como sua própria independência.

A OCUPAÇÃO

O governo americano se encontrava bastante atento em relação ao planejamento da situação do Japão no pós-guerra; interessava-os abordar o futuro político do país e não seu futuro social ou econômico, mas a ascensão da URSS após o fim da Segunda Guerra Mundial pela Europa do leste e Ásia fará os projetos para o Japão mudarem de contorno e sua economia será amplamente reavivada, transformando o país de inimigo mortal em um aliado de grande importância a fim de se tornar uma barreira contra a expansão do comunismo pelo Pacífico e Ásia.

A figura do imperador, ou seja, o sistema imperial tornou-se especialmente importante e delicado nesse quadro. Por um lado havia o Plano Morgenthau³ que implicava medidas drásticas e restritivas ao país; isso significava que aos olhos do Departamento de Estado americano e consequentemente das forças de Ocupação, o SCAP⁴, liderado pelo general Douglas MacArthur, o imperialismo japonês era extremamente belicoso; tratavam-no como um problema político, por isso a importância para o viés dessa esfera inicialmente, a pretensão de redimir politicamente o Japão era melhor do que anula-lo e destruí-lo por completo, pois do contrário, o Japão enfraquecido aumentava a importância da China e a hegemonia do Estado Unidos no Pacífico rivalizava com este país, por isso o Plano não vingou de fato.

“O sistema imperial representou o maior problema com que tiveram de lidar as autoridades de Ocupação. Os escalões superiores das forças de Ocupação incluíam alguns reformistas radicais que insistiam em que a paz no Pacífico era impossível sem uma total abolição da

³ Programa para a ocupação da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial; defendia normas restritas para impossibilitar que o país entrasse novamente em guerra. O mesmo pretendia-se para o Japão, inicialmente.

⁴ Abreviatura em inglês para Supreme Commander Allied Powers (Comando Supremo das Forças Aliadas).

instituição imperial japonesa. Essa concepção era produto do idealismo ingênuo existente entre alguns americanos [...], de que quanto mais difundida a democracia tipo americana, mais segurança e estabilidade o mundo gozaria.”⁵

Joseph C. Grew (1880-1965), último embaixador dos Estados Unidos no Japão antes da guerra sinalizava um conservadorismo que se definia como a impossibilidade de um Japão estável sem a figura do imperador. Justificava que os americanos não deveriam promover amplas reconstruções nem na economia, tampouco na sociedade japonesas, e que a estrutura do Estado deveria ser basicamente preservada. Ao final, a política presidencial definitiva resolveu manter o Estado japonês intacto, entretanto suscitou um programa de reforma social e econômica.

“[...] foi tomada de início uma decisão durante a Ocupação a favor da manutenção da instituição imperial. Foi uma solução muito feliz para o Japão. Se o sistema imperial tivesse sido abolido em benefício de um sistema republicano, o Japão de pós-guerra provaria ser ingovernável e surgiria uma enorme confusão social. A maioria dos japoneses concorda que esta análise da situação, em virtude do profundo significado histórico da instituição monárquica japonesa para as mentes dos japoneses.”⁶

A decisão por manter a instituição monárquica japonesa foi a que prevaleceu, entretanto, por causa do fantasma da Alemanha que se reerguera dos destroços do Tratado de Versalhes⁷, o viés pela democratização foi muito forte e no período entre 1945-1947, sob o comando de MacArthur, o Japão foi desmilitarizado. Friedman e Lebard falam que a política norte-americana sobre esse assunto englobava alguns pontos centrais como: os Aliados queriam assegurar-se de que o Japão não poderia voltar a iniciar nenhuma outra guerra; o país deveria, por conta disso, se desarmar e desmilitarizar; como salvaguarda, a fim de desbancar o militarismo e o nacionalismo os Estados Unidos almejavam criar uma democracia liberal no Japão; paralelamente os americanos apoiavam o direito de o povo

⁵ Jun Eto. *Uma nação renascida: breve história do Japão de pós-guerra*. Rio de Janeiro: Consulado Geral do Japão, 1976, p. 12.

⁶ Ibid., p13.

⁷ Tratado de paz assinado em junho de 1919 que encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial. Nele a Alemanha estava submetida a acatar as medidas impostas, assim como reparar os danos causados a determinadas nações da Tríplice Entente.

japonês escolher sua própria forma de governo e assim sendo não poderiam impor uma democracia liberal.

“Admitindo que a chave da guerra devesse ser buscada na cultura japonesa, os norte-americanos foram menos implacáveis do que poderiam ter sido. [...] Como o problema era considerado essencialmente cultural, não havia necessidade de impor uma solução excessivamente severa. A mudança cultural seria suficiente. Esse era o dilema norte-americano: como impor a mudança cultural e criar uma democracia liberal, sem fazer isso contra a vontade do povo japonês?”⁸

Dessa forma iniciou-se o processo de desmilitarização do Japão, tarefa bastante árdua que englobava desarmar, desmobilizar e transportar muitos milhões de soldados; além disso, foi necessário eliminar os líderes militaristas e os militares. Para Jun Eto, apesar da garantia da permanência do sistema imperial, o tratamento e julgamento que receberam os criminosos de guerra comuns japoneses deixou um gosto amargo nos espíritos dos japoneses. Estes tiveram que aceitar os veredictos do tribunal de crimes de guerra com desamparada resignação ao choque da derrota; o SCAP listou cinco categorias de envolvidos japoneses para o trabalho de exoneração e expulsão, criminosos de guerra; militares de carreira e membros da polícia especial; membros de grupos ultranacionalistas; pessoas, ou seja, funcionários de organizações financeiras envolvidas com o armamento bélico japonês bem com a expansão do seu poderio e governadores de territórios ocupados. O autor faz uma interessante analogia entre o fato de os japoneses aceitarem a derrota e suas mazelas como que da mesma maneira que tem de se ajustar aos desastres naturais que frequentemente atingem o país. Tendem a se conformarem humildemente mesmo contra infortúnios causados por mãos humanas como se fossem calamidades naturais.

A promulgação de uma nova Constituição vinha sendo colocada à tona desde outubro de 1945, por instigação de MacArthur; mas até então continuava sem retorno sobre quem deveria redigi-la. Até então o gabinete do primeiro-ministro Kijuro Shidehara (1872-1951) governava com base na Constituição imperial; essencialmente não havia profundas intenções dos japoneses em alterá-la, tentou-

⁸ George Friedman e Meredith Lebard. *EUA x Japão: guerra à vista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.98.

se aplicar duas emendas parciais, mas essa revisão não agradou as forças de Ocupação que alegaram que a base da Constituição nacional japonesa permaneceria intacta. MacArthur tomou para si o encargo de criar uma já que nem o governo japonês, nem o CCEO⁹, a quem achava que competia tal função, se mexiam para modificá-la. Jun Eto salienta que o Japão não teve muita escolha quanto a isso, a recusa de Shidehara poderia forçar o país a uma imposição ao sistema republicano de governo. Para Friedman e Lebard as forças Aliadas tinham total poder sobre a imposição de uma Constituição que bem entendessem e esse pressuposto não escondia o fato para a necessidade de fingir que a nova Carta requeria fundamentalmente a provação ou consentimento dos líderes japoneses.

A Constituição foi promulgada em 3 de novembro de 1946 e sua vigência começou a valer em 3 maio do ano seguinte. O Artigo 9 do capítulo dois que concerne a renúncia à guerra, tornou-se o ponto mais controverso da nova Constituição; segundo ele:

“Aspirando sinceramente a uma paz internacional baseada na justiça e na ordem, o povo japonês renuncia para sempre a guerra como direito soberano da Nação e à ameaça ou uso da força como meio de resolução dos litígios internacionais. A fim de cumprir o objetivo do parágrafo precedente, jamais serão mantidas forças terrestres, marítimas e aéreas, bem como outros potenciais de guerra. O direito de beligerância do Estado não será reconhecido.”¹⁰

Eto diz que comparada à Constituição imperial, onde estavam em uníssono a fidelidade feudal e as tradições nativas expressas na lealdade ao imperador e o moderno sistema monárquico constitucional, esta nova Carta tal integridade e continuidade nacionais desapareciam com as reformas. O autor alimenta que muitos desses aperfeiçoamentos foram empreendidos pelos japoneses, mas que as medidas de execução, os aspectos substanciais ficaram a cargo das forças Aliadas. Essa Constituição desde então marcou e modelou o caráter japonês como uma Nação:

“Em virtude dessas circunstâncias, o povo japonês perdeu a imagem clara da sua cidadania. Também perdeu o sentido de íntima identidade com os vários conceitos novos incorporados à

⁹ Conselho Consultivo do Extremo Oriente. Órgão ao qual o SCAP estava subordinado.

¹⁰ Cf. A Constituição do Japão.

Constituição, embora mantivesse sentimentos favoráveis a eles. Em outras palavras, o japonês atual não pode mais considerar seu país como íntimo e querido. Nem pode ter a sensação gratificante de haver ganho por seu próprio esforço os diversos valores que o Estado tem supostamente a obrigação de assegurar. Consequentemente, os japoneses, conhecidos por sua franca devoção ao Estado durante os períodos de pré-guerra e guerra, vieram a perder sua consciência nacional sob o clima político de pós-guerra, centrado na nova Constituição. Os interesses se tornaram sua única preocupação. Tornaram-se impermeáveis à existência do Estado tanto como meio para alcançar valores mais altos, transcendendo os interesses privados individuais, ou como membro componente da comunidade internacional de nações. [...] Tampouco a crescente preocupação com os direitos privados e os interesses levou ao crescimento do individualismo, a uma compreensão e apreciação esclarecida da integridade e dignidade pessoais de cada um.”¹¹

A partir de 1947 os Estados Unidos passaram a reconsiderar todos os seus relacionamentos do pós-guerra por causa da ascensão da ameaça comunista. Na Ásia, o Japão vai se tornar o aliado natural no combate ao prenúncio soviético; entretanto o Artigo 9 da Constituição impingida ao japoneses, que proibia o país a se rearmar, veio a ser tornar um incômodo para os Estados Unidos que não sabiam como torna-lo cúmplice da causa. O Japão estava reduzido à pobreza; sua produção situava-se em cerca de 10% em relação aos níveis do pré-guerra. As matérias-primas necessárias eram nulas, a alimentação escassa, ainda que com a ajuda humanitária dos americanos a partir de 1946. Como afirmam Friedman e Lebard, o medo da ascensão da URSS fez os Estados Unidos repensarem alguns pontos e então se chegou a conclusão de que o bem-estar daquele país era uma questão de importância estratégica. Em 1947, o Comandante Supremo das Forças Aliadas, MacArthur, iniciou as primeiras providências para a revitalização da economia nipônica.

A reintegração do Japão à comunidade das nações do mundo livre, continuando os autores supracitados, implicou dois aspectos fundamentais, a interrupção das reparações de guerra que estavam arrasando o patrimônio líquido japonês e que, consequentemente, impediria a revitalização da economia do país. O segundo aspecto tem relação com a extinção dos *zaibatsu*¹², firmas associadas

¹¹ Jun Eto. *Uma nação renascida: breve história do Japão de pós-guerra*. Rio de Janeiro: Consulado Geral do Japão, 1976, p.20.

¹² “Agrupamentos financeiros”. Conglomerados industriais e financeiros formados por grandes famílias de industriais que, por intermédio de matrizes controlavam um número extenso de

entre si que trabalhavam em regime de monopólio muito bem sucedidas no Japão e que fomentaram a indústria de guerra japonesa; para os americanos elas se tornariam uma grande ameaça à democracia japonesa. Houve grandes manifestações contra a dissolução dessas empresas, cujos comerciantes tinham elos e interesses entre si; além disso, o custo econômico desse desmantelamento traria um alto preço a economia do país, já bastante sensibilizada. Os Estados Unidos preocuparam-se urgentemente com a reconstrução daquela economia por causa do perigo e medo soviéticos que assombrava o mundo; os americanos queriam transformar o Japão num país forte, capaz de defender o Pacífico junto com eles, isso só seria possível projetando-os como uma Nação economicamente viável.

“[...] uma economia japonesa revitalizada era mais desejável do que uma economia inerte, mas igualitária. [...] Mas o mais importante, do ponto de vista dos Estados Unidos, é o fato de que essa decisão fez com que permanecessem intactas as instituições que vieram a constituir a empresa japonesa contemporânea. O Japão sobreviveu e floresceu por causa do medo norte-americano em relação à URSS e das implicações que, diante dessa ameaça, adviriam de uma instabilidade japonesa.”¹³

A Guerra da Coreia (1950-1953) iniciou o processo que transformou o Japão, de uma Nação pobre e arrasada, no moderno gigante industrial conhecido e que desafia o mundo com sua tecnologia. O momento também propiciou as condições para um Tratado de Paz, mas colocou em xeque o grave problema da segurança interna e externa do país, já que esta estava sob controle de uma potência estrangeira, assim como seu aparelho público nas mãos de um general estrangeiro.

Um Tratado de Aliança e Segurança Mútua entre Estados Unidos e Japão (sob o mandato do primeiro-ministro Shigeru Yoshida) foi assinado a 8 de setembro de 1951, entrando em vigor a partir de 28 de abril de ano seguinte. A seguir quatro pontos principais: não foi estabelecida uma data de término; em caso de conflitos internos no Japão seria proporcionada uma intervenção militar dos Estados Unidos; o Japão não estava obrigado a defender mutuamente, os Estados

diferentes empresas. Os zaibatsu surgiram durante os períodos Meiji (1868 – 1912) e Taishô (1912 – 1926).

¹³ George Friedman e Meredith Lebard. *EUA x Japão: guerra à vista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, pp.104-105.

Unidos obrigavam-se unilateralmente a defender aquele país e, por fim, algumas tropas da Ocupação permaneceriam em solo japonês como guarnições. A essa altura os Estados Unidos já estavam amargurados pelo Artigo 9; enquanto isso Yoshida o abraçava. Por meio desse, o Japão evitava assumir compromissos militares com os americanos. O primeiro-ministro caiu logo após o Acordo de Segurança Mútua com os Estados Unidos; este promoveu e formalizou idéias que Yoshida planejara sem ter de se demover do Artigo 9. Foi sucedido por Ichiro Hatoyama, mais conservador, porém que não obteve sucesso em alterar o Artigo 9 como pretendia, porque, querendo ou não ele deixara de ser uma limitação à soberania japonesa.

A metade da década de 50 em diante proporcionou ao Japão condições especiais de uma transformação bastante brusca; a década anterior foi marcada pela derrota e o jugo das forças Aliadas, assim como a recuperação de sua soberania. A partir de 1955, assinala Jun Eto, o Japão conheceu formidável crescimento econômico. O caótico estado em que se encontrava o país obrigou por isso mesmo seus conterrâneos a avançarem em meio aos escombros; ao mesmo tempo em que os japoneses tomavam alguma ação, reformas sociais eram empreendidas pela Ocupação. O Japão se recuperava lentamente das ruínas e destroços provocados pela guerra para mais tarde crescer em ritmo acelerado. Sendo então a partir da metade dos anos cinquenta em diante, sua economia ganhar vigor e propulsão, criando a expressão “milagre japonês”.

Os Estados Unidos decidira ajudar a economia do país com medo do avanço do comunismo, ao Japão cabia agora o papel de aliado, não mais de inimigo mortal; não interessava aos americanos vê-lo moribundo, à mercê de outra ideologia. Entretanto isso trouxera profundas mudanças no psicológico dos japoneses:

“Tendo perdido uma clara noção de identidade nacional, [...] o japonês tornou-se obcecado por um anseio de vantagens materiais. O surto econômico existente reforçou essa preocupação. Os hábitos alimentares do povo japonês mudaram visivelmente durante esse período. As virtudes frugais de pré-guerra cederam lugar a uma despreocupada busca de bem-estar material. Essa tendência pode ser considerada um renascimento, em maior escala,

da sôfrega perspectiva de vida que prevalecia nos dias que se seguiram imediatamente à guerra, quando o mercado negro florescia.”¹⁴

O DILEMA MORAL E MILITAR DO JAPÃO

O mau êxito do Japão na Segunda Guerra Mundial privou o país dos territórios da Coreia, de ilhas no Pacífico, Manchúria e Taiwan; segundo José Yamashiro cerca de sete milhões de japoneses (entre os quais metade correspondia a militares desmobilizados nas diferentes frentes de luta) são repatriados, tornando ainda mais grave a situação habitacional e alimentícia do país. Com o fim da guerra o Japão personifica uma nação completamente exausta, tanto física como moralmente; a aguda escassez de alimentos enriquece os lavradores que dispõem de produtos para vender, propagando o mercado negro. Até então a moral cívica promovida intensamente por meio da propaganda do governo durante os anos de guerra entra em verdadeiro colapso.

“O povo se sente emocional e espiritualmente desorientado, dado que durante muitos decênios é educado e dirigido na mais intensa exaltação dos valores morais tradicionais, samuraicos, e ultra-nacionalistas. Tudo isso – todos os padrões morais tidos como absolutos e imutáveis – cai por terra, diante da rendição incondicional – fato completamente inédito, inesperado e inimaginável para a grande maioria da população. A abulia e o vazio moral tomam conta do povo.”¹⁵

Os japoneses silenciosamente reconciliaram-se com a dura realidade da derrota, como os pacientes camponeses se resignam com a destruição provocada por um tufão, sentencia Jun Eto.

No que tange o aspecto militar, o pós-guerra incutiu ao Japão uma cultura política que tem sido oposta à guerra e aos conflitos; mas como bem salientam Friedman e Lebard, considerando que pelo Artigo 9 o país não dispusesse de forças armadas, o Japão atualmente gasta mais em verbas com defesa atrás apenas dos Estados Unidos e Rússia. Segundo João Fábio Bertonha a defesa do território

¹⁴ Jun Eto. *Uma nação renascida: breve história do Japão de pós-guerra*. Rio de Janeiro: Consulado Geral do Japão, 1976, pp.31-32.

¹⁵ José Yamashiro. *História dos Samurais*. 2ª ed. – [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil – Japão; Massao Ohno, 1987, p.244.

japonês fica a cargo de uma aliança estratégica com os Estados Unidos e de “Forças de Auto-defesa nacionais” que não possuem prestígio de forças armadas. Acrescente-se a isso que a lei japonesa veta que o orçamento dessa Agência de Autodefesa ultrapasse o PIB nacional de 1%. Todavia, esse valor de PIB de um país como o Japão reflete um dos mais consideráveis orçamentos militares do globo como bem demonstram dados de 2006, onde as despesas militares alcançaram 0,8%¹⁶ Dessa maneira, os japoneses estão longe de serem considerados uma nação desarmada. O país possui helicópteros, tanques blindados, navios de guerra, aviões de patrulha e mísseis de última geração, sendo que grandes e importantes indústrias nacionais fabricam material bélico de ponta. Mesmo assim essa infraestrutura de guerra revela-se imersa e contida em suas próprias fronteiras:

“Evidentemente, a máquina militar japonesa tem problemas enormes. Seu espaço para treinamento é tão pequeno que muitas tropas têm que treinar em território americano. Além disso, ela não tem como projetar poder nas costas asiáticas e nem controlar as vias marítimas de longa distância, dependendo do apoio dos EUA. Além disso, as restrições legais (que impedem os soldados japoneses de serem utilizados fora do Japão a não ser em missões de paz da ONU) e de mentalidade impedem que essas forças sejam usadas de forma efetiva. Uma grande e poderosa força militar, mas presa em casa.”¹⁷

A política defensiva do país transformou-se num conjunto dinâmico e indeterminado de possibilidades, levado menos por princípios consistentes do que pela configuração do panorama internacional e necessidades gerais da vontade do povo japonês.

Os interesses estratégicos do Japão, mais que militares, são econômicos. O país, antes e depois da guerra, perseguiu a busca por matérias-primas, essenciais para o seu crescimento econômico e social. Uma política militar que abalasse sua relação econômica com outros Estados provocaria serias complicações para a sociedade japonesa. O pacifismo japonês foi incorporado ao caráter do seu povo como resultado de sua experiência da guerra; Friedman e Lebard levantam a tese que compreende que o Japão não voltará a um comportamento político-militar

¹⁶ Cf. CIA – The World Factbook: Japan, Military.

¹⁷ João Fábio Bertanha. *A remilitarização do Japão e a geopolítica do Extremo Oriente*. Revista Espaço Acadêmico, jul. 2001, ano I, n. 02, mensal.

agressivo, pois a guerra compromete e reduz a segurança nacional ao invés de ampliá-la, e que se sujeitar à guerra não é caminho saudável para a divulgação da política nacional. Dois argumentos a partir daí são apresentados, só o Japão compreende a experiência e os temores que uma bomba atômica representa e já não pode se comportar como as demais Nações. Outro, empreender uma guerra na era nuclear superam de maneira tal as possíveis benesses que o país seria ingênuo se se engajar na mesma.

“O foco da regeneração e da transformação moral do Japão centrou-se na bomba atômica. A visão básica é que, tendo vivenciado o bombardeio nuclear, o Japão confrontou os horrores da guerra de uma maneira singular e sem precedentes e, por conseguinte, recuou dela em caráter permanente. [...] O Japão foi uma das culturas mais militaristas da história moderna. O papel do indivíduo que ia para a guerra transcendia a simples consideração política – era um ato religioso, e a morte na guerra santificava e justificava a vida. O guerreiro era solenemente festejado como uma figura religiosa.”¹⁸

Enfim, o término da Segunda Guerra Mundial obrigou ao Japão novas modalidades de pensamento; duas bombas lançadas, devolução e perda de territórios conquistados, esfacelamento do corpo militar em praticamente todos os níveis, um povo que beirava a inanição, valores espirituais e sagrados bastantes desorientados, nova constituição... A ajuda dos Estados Unidos, de alguma forma, todavia concretamente levou o país conhecer novas linhas e modelos econômicos, administração e política. Com isso, o aspecto da guerra ganhou outro significado, o país investiria mais tarde em aparato militar, mas tinha sérias restrições ao seu uso; o modelo do indivíduo nesse cenário de guerra, aquele embasado na glorificação da morte em detrimento da vida, em ato que sobrepujava o mundo terreno, esse será fortemente, a partir de então criticado e seus valores deturpados pela geração do pós-guerra.

¹⁸George Friedman e Meredith Lebard. *EUA x Japão: guerra à vista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.314.

CAPITULO DOIS

“O brilho idealista nos olhos da juventude reduziu-se a um bruxoleio, e sua atenção foi totalmente absorvida por trivialidades.”¹

“Os japoneses foram sempre um povo sombriamente consciente da morte, sob a superfície de suas vidas cotidianas. Mas o conceito japonês da morte é direto e claro, sendo, nesse sentido, diferente da morte temível, repugnante, tal como vista pelos ocidentais.”²

As mudanças e transformações incutidas no seio da sociedade japonesa no decurso do pós-guerra modelaram um Japão que se apresenta bastante diferente daquele do tempo da Restauração Meiji³, bem como dos anos anteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial; o país é inundado por uma série de bens materiais e intelectuais, que, segundo José Yamashiro abrange ideias, ciências, ideologias, artes, tecnologias, mesmo sistemas de administração pública e empresarial. O povo japonês deve lidar com o desprendimento de aspectos ligados à tradição, ao mesmo tempo em que experimenta uma modernidade inédita. Concomitante a isso, há uma tensão entre o Japão imperialista, a ética samurai e o Japão materialista.

Beasley⁴, a respeito da modernidade, trabalha o conceito de que em qualquer país, seja ele europeu ou africano, asiático ou americano tornar-se “moderno” significa se afastar da tradição, relegar algumas ideias herdadas e instituições à história, taxando-as de antiquadas e datadas. Isso revela ou pode revelar uma aproximação com um conjunto de normas compartilhadas com outras sociedades modernas, seja nos modos de se fazer política, de ganhar a vida, padrões de consumo, lazer e hábitos. Conforme nos afastamos da diversidade de nossas tradições, destarte nos tornamos parecidos uns com os outros. O autor salienta então a experiência do Japão e o tipo de modernidade que o país ensaiou que se torna singular no seu processo:

¹ Yukio Mishima. *O Hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.28.

² Ibid., p.85.

³ Meiji-Isshin. “Restauração da era Meiji”. Revolução que derrubou, em 1868, o shogunato de Edo colocou no poder o imperador Mutsuhito (Meiji). A capital foi então de Kyouto para Edo, esta última recebendo o novo nome de Tóquio.

⁴ W. G. Beasley. *Tradition and modernity in post-war Japan*. Asian Affairs, fev. 1980, vol. 11.

“Mas há uma grande diferença para o Japão, como há para qualquer outro país não-ocidental que se tornou, ou está se tornando, moderno. A modernidade é ocidental, pelo menos superficialmente. Ela deriva de um processo de desenvolvimento ocidental, reflete a influência de uma tradição cultural ocidental. Para se tornar moderno, se você não é um ocidental, significa aproximar-se das normas ocidentais, adotando valores de outras pessoas. Para nós, a diferença entre o moderno e o tradicional é a diferença entre o nosso próprio presente e o nosso próprio passado. Para os japoneses a diferença é entre o nosso presente e seu passado. Tradição é japonês. A modernidade é alienígena, importada.”⁵

O país deve conciliar duas culturas; nesse sentido, muito dos avanços que a sociedade obteve se deve, como observa Yamashiro, ao alto grau de alfabetização do seu povo, que praticamente não possuem analfabetos há mais de meio século e que por esse fator, os japoneses estão favoravelmente preparados para lidar e compreender a situação do país e assim empenharem-se na busca de soluções adequadas. Outro ponto é a importância dos valores individuais, onde desde cedo é exigido dos estudantes um empenho máximo nos estudos, onde os melhores são aptos a ingressarem nas prestigiosas universidades do país e ascendência na carreira profissional. O autor formaliza a sociedade japonesa no espaço da meritocracia, onde os mais aptos são escolhidos e promovidos conforme seus progressos, enredando indivíduos originários de todas as classes sociais.

“A substancial redução da diferença de níveis de rendimento, entre as várias categorias de profissionais das cidades, incluindo-se operários e também entre trabalhadores de centros urbanos e das zonas rurais, favorece aquela situação de ‘vence quem é mais competente’”⁶

Nos primeiros anos que se seguiram ao pós-guerra, o Japão tende imediatamente a uma rejeição e condenação de vários aspectos de sua tradição; muitos refreiam os laços com tudo aquilo que estava ligado aos costumes, o povo queria importar e experimentar o novo, sobretudo o que vinha dos Estados Unidos. Isso muito se devendo ao fato de que o país agora tinha uma nova

⁵ Ibid., p.6.

⁶ José Yamashiro. *História dos Samurais*. 2ª ed – [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil – Japão; Massao Ohno, 1987, p.247.

Constituição que possuía características e elementos os quais os japoneses não estavam identificados e que por essa maneira não se reconheciam nela; uma Constituição redigida no ambiente do pós-guerra, esvaecida de aspectos mais íntimos da identidade do povo japonês, ainda que este fosse inclinado a ela.

“Todos querem copiar, imitar e introduzir o que é novo, estrangeiro, principalmente americano. Tudo o que pertencer ao vencedor deve ser bom. Com essa ideia simplista e imediatista, os valores tradicionais são olvidados, colocados de lado ou repudiados, sem maior análise.”⁷

Nesse ínterim, ícones como a família imperial são um dos poucos expoentes que se mantêm inabalável; a sociedade japonesa aceita muito rápido uma nova ocidentalização que se reflete mais como uma americanização, como salienta Yamashiro, de hábitos e costumes, e em um grau bem mais amplo daquele ocorrido no século XIX, na Restauração Meiji. Essa predisposição dura no país por algum tempo, e assim, sem muito discernimento e com bastante versatilidade, acontecem exageros e falta de critérios para distinguir ideias boas das questionáveis nessa importação e imitação das coisas americanas. Um forte exemplo desse momento é a inclusão de palavras inglesas no linguajar cotidiano.

MISHIMA E A PULSÃO DE MORTE

O escritor Yukio Mishima (1925-1970), por meio de uma interpretação pessoal da obra literária *Hagakure*⁸, que contém os mais altos preceitos da ética samurai e onde primeiramente se encontra definida a noção de *bushidô*⁹, compõe um paralelo admirável entre a crítica do seu autor à pulverização dos íntegros valores do samurai e um Japão pós-guerra que jazia em paz transbordante, a qual o próprio Mishima depositava uma permanente censura, realidade na qual não

⁷ Ibid., pp. 247-250.

⁸ Tsunetomo Yamamoto, “Jocho” (1659-1719).

⁹ “Caminho dos guerreiros”. Conjunto de leis que regiam o comportamento dos guerreiros, fundamentadas na fidelidade devida de um vassalo a seu senhor, em troca de um feudo ou proteção.

conseguia se ajustar. Kathryn Sparling, na nota da versão inglesa da obra literária de Mishima, *O Hagakure – A ética dos samurais e o Japão moderno*¹⁰, observa:

“Mishima [...] analisa semelhanças entre suas críticas ao Japão materialista de pós-guerra e as críticas de Yamamoto à decadência suntuosa dos seus contemporâneos. [...] A originalidade, ou o gênio, de Mishima, foi aplicar à sociedade moderna a mais severa crítica da ética samurai encontrada no Hagakure. Sua ficção trata, com frequência, da atomização da sociedade moderna e da impossibilidade de comunicação espiritual ou emocional entre as pessoas.”¹¹

O Japão atravessava um esvaziamento no sentido dado à vida, emocionalmente e espiritualmente; o país não mais poderia voltar a se armar, a morte não mais poder-se-ia tornar um arrebatamento, enfim, não mais poderia haver algum propósito para a morte. “Mas o Japão de hoje, sob uma Constituição que considera ilegal a guerra, pessoas que consideram a morte como seu objetivo ocupacional – e isso inclui as Forças Nacionais de Defesa – não podem existir, em princípio. A era democrática é parte da premissa de que o melhor é viver o maior tempo possível.”, considera Mishima.

Este acredita que o Hagakure seja uma eficiente tentativa de remediar o caráter pacífico da sociedade moderna com o fármaco da morte; ele critica a ideia de uma época em que o melhor é ter uma vida duradoura. A vida, continua Mishima, tornou-se mais longa e isso se expõe como um monótono caminho para a humanidade, onde, como exemplifica, o entusiasmo inicial de um jovem por algo que ambiciona dura o tempo que ele empenha-se para conseguir seu objetivo, e quando o realiza, o futuro já não encerra mais nada para ele; agora “tudo o que resta é o dinheiro da aposentadoria contado em fileiras do ábaco, e a vida pacífica e tediosa da velhice impotente.” O Japão, afirma o autor, principiou nos decênios seguintes ao pós-guerra a se transmutar naquilo que o Hagakure de Tsunetomo Yamamoto havia renunciado, “já não havia samurais, não havia guerra, a economia renascia, tudo transbordava com o espírito da paz; a juventude estava entediada”. Mishima dirige-se a sua época com o preceito da contenção da morte,

¹⁰ “*Hagakure Nyumon*” no original japonês.

¹¹ Yukio Mishima. *O Hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 11.

onde esta cede o lugar a perspectivas nulas, sem o que chama de “contradições fundamentais da existência humana”. A significação da morte, para a sociedade moderna é deixada de lado e desviada; o autor insiste em nossa renúncia de extrair da morte os elementos profícuos e de dispô-los a nosso favor.

“Durante a guerra, o impulso de morte foi 100% liberado, mas o impulso de resistência e liberdade de vida foi totalmente sufocado. No pós-guerra, essa condição inverteu-se exatamente, e enquanto o impulso de resistência e liberdade e vida é realizado integralmente, o impulso de rendição e morte nunca é realizado. [...] Essa visão indica um processo pelo qual nosso humanismo racional, ao mesmo tempo em que desempenha constantemente a função de voltar os olhos do homem moderno para o brilho da liberdade e do progresso, afasta o problema da morte do nível de consciência, afundando-o cada vez no subconsciente, transformado o impulso de morte, por essa repressão, num impulso cada vez mais perigoso, explosivo, mais concentrado, dirigido para o íntimo. Ignoramos o fato de que trazer a morte ao nível da consciência é um elemento importante para a saúde mental.”¹²

A morte para Yamamoto, no seu Hagakure, “tem o brilho estranho, claro, fresco, do céu azul entre as nuvens”; Mishima traça um paralelo e moderniza essa imagem, correspondendo-a ao *Kamikaze Tokubetsu Kogekitai*¹³. Este foi chamado de “método mais desumano de ataque”, e que após a guerra, seus pilotos caíram em desonra, mas que, conclui Mishima, o espírito desses jovens que morreram em nome do seu país, se aproxima mais do claro ideal de ação e morte que o Hagakure oferece. Esses pilotos, ainda que tivessem seus medos e dificuldades, foram forçados e incluídos nas forças de ataque quase que por coação, o governo despachando-os para uma morte certa. Mishima não vê distinção entre a morte escolhida e a morte obrigatória, referindo-se aos escritos de Yamamoto, onde este sugere a morte como uma conduta onde há a possibilidade de escolha, instando a opção na decisão de morrer.

“Somos incapazes de enfrentar a morte até sermos encurralados entre o destino e a nossa própria escolha. E à forma final da morte apega-se eternamente a luta oculta entre a escolha humana e o destino sobre-humano. Por vezes pode parecer que alguém morreu pela própria escolha. O suicídio é um exemplo. Uma morte pode parecer totalmente

¹² Ibid., p. 33.

¹³ “Corpo especial de intervenção dos Kamikaze”

forçada. A morte pelo bombardeio num ataque aéreo é desse tipo. [...] Em outras palavras, ninguém tem o direito de dizer do Hagakure e do esquadrão suicida especial que a morte para um é a morte por escolha e a morte para o outro é a morte por coerção. A distinção só pode ser feita ante a fria, sombria realidade de um indivíduo frente à morte: é uma questão do espírito humano em estado final de tensão.”¹⁴

Kayoko Ueno, ao tratar sobre a cultura do suicídio no Japão, chama a atenção como a sua história está atrelada aos preceitos éticos do samurai, o bushidô. Desta maneira os *kamikaze*¹⁵ tinham forte alinhamento a essa conduta, eram educados e treinados com esse pensamento em nome de algo maior.

“... O ato de suicídio japonês é peculiar porque ele em geral é associado a um significado de valor e vingança. O suicídio tem uma associação de longa data com a salvação do nome ou fama da pessoa ou da família. A análise do suicídio tem sido considerada como um passo importante na compreensão da cultura, sociedade, e povo japonês. [...] O Japão fazia propaganda do suicídio, de certa forma encorajando seus membros a cometer atos suicidas, ao implantar vocabulários relacionados ao salvamento da fama, para impedir uma possível rebelião contra o governo. A figura do kamikaze foi idealizada para glorificar a guerra. [...] Assim o suicida funcionava como uma ‘bala humana’ usada contra o inimigo, não somente metaforicamente mas no sentido literal da palavra.”¹⁶

Em seu artigo¹⁷, Raymundo de Lima observa que o suicídio tende a ser notado e aceito mais como um direito do sujeito contemporâneo, onde aquele, seja praticado por indivíduos, seja por um grupo, deixou de ser um ato simplesmente privado para tornar-se público, “em nome de uma causa muitas vezes incompreensível, principalmente se esta é direcionada para ser decodificada pela cultura ocidental”.

“Em nossa época, o gesto suicida ocupa uma posição limítrofe, entre a política e os interesses do Eu, entre a ciência e a fé, entre a tradição e a modernidade, entre a aceitação da natural conservação de si e a falta de sentido de existir. Como o sujeito de nossa época não mais acredita na ideia de revolução, deixa-se levar pelos ventos da paixão mística ou

¹⁴ Yukio Mishima. *O Hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, pp. 87-88.

¹⁵ “Vento divino”.

¹⁶ Kayoko Ueno. *O suicídio é o maior produto de exportação do Japão?* Notas sobre a cultura de suicídio no Japão. Trad. Eva Paulino Bueno. Revista Espaço Acadêmico, jan. 2005, n. 44, mensal.

¹⁷ Raymundo de Lima. *O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo*. Revista Espaço Acadêmico, jan. 2005, n. 44, mensal.

niilista, usando a morte do próprio corpo para expressar sua revolta contra um mundo sem coração. Morre o corpo para viver o transcendente.”¹⁸

Lima fala sobre o conceito de suicídio honroso ou o suicídio como forma de luta, donde que este surge no Japão, por meio do código da ética samurai. Durante a Segunda Guerra Mundial, o país reunia e treinava secretamente os *kamikaze* para pilotar aviões e barcos de guerra com o intuito de lançá-los de encontro às frotas inimigas, no caso, os americanos. Ele aponta mais de dois mil pilotos mortos por devoção ao imperador, considerado como um deus pelo povo japonês.

“A morte autoinfligida em combate, portanto, era um recurso extremo que condizia com a tradicional cultura-moral samurai que a valorizava e, por conseguinte, era considerada honrosa e divina pelos pilotos suicidas japoneses. Já o harakiri, mais conhecido como seppuku no Japão, era um antigo ritual suicida de extirpação das entranhas. No seppuku, o suicida, posicionado em ritual, corta seu abdome com uma faca ou espada pequena, da esquerda para a direita. Região essa que tem um significado especial. Segundo a crença dos antigos japoneses é nesse lugar que se encontra a alma humana.”¹⁹

José Yamashiro destaca algumas circunstâncias que podem levar um samurai a praticar o harakiri,

“Evitar a captura em campo de batalha, já que para um guerreiro japonês constitui imensa desonra cair prisioneiro do inimigo e também porque se considera má política: os presos são quase sempre maltratados e torturados; como castigo, por ato considerado indigno ou criminoso; a fim de admoestar seu senhor. O samurai tem grande desprezo por aquele que se rende ao adversário. Por isso o código (não escrito, frise-se) de honra do samurai exige que ele se mate antes que caia prisioneiro em mãos inimigas.”²⁰

Antônio Ozaí da Silva, fazendo um paralelo entre o suicídio, a literatura e a sociologia, escreve o seguinte:

¹⁸ Idem, op. cit.

¹⁹ Idem, op. cit.

²⁰ José Yamashiro. *História dos Samurais*. 2ª ed – [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil – Japão; Massao Ohno, 1987, pp. 57-57.

“O suicídio é um ato racional e humano. Suas motivações se manifestam individualmente – seja pelas declarações dos indivíduos suicidas, seja pelas interpretações que surgem em cada caso específico. Um certo psicologismo tende a desconsiderar que o indivíduo vive em sociedade e que, portanto, suas atitudes não estão desvinculadas do meio em que vivem. Um certo sociologismo tende a desprezar os fatores psíquicos e individuais, como se fosse possível encarar a dor e o sofrimento dos que abraçam a morte voluntária e do seus próximos apenas se reportando aos fatores sociais. Ambos tendem ao determinismo.”²¹

Esse propósito leva o autor a pensar a literatura como contribuição para a compreensão dos sofrimentos, sonhos e angústias dos indivíduos; para ele as obras literárias têm a capacidade de perscrutar a essência do ser humano e dessa forma, lidar com seus grandes dilemas, afirmando que se o suicídio não atinge a nós diretamente, por outro lado nos diz respeito. A sociedade não é uma abstração, assim como a morte. Fala essa que pontua o pensamento de Mishima quando de seu *O Hagakure*, uma obra que essencialmente fala sobre a morte; no que diz respeito à valorização dessa assim como da vida, de trazê-la à superfície de nossos pensamentos. O prolongamento da vida, viver o maior tempo possível, é a nova sina da humanidade e isso revela tempos tediosos, todavia tensos e perigosos para a humanidade.

“Ou seja, as opções não são as melhores: morrer trabalhando ou viver sob o signo da culpa e do sentimento de inutilidade. Afinal a aposentadoria é um direito ou fardo para a sociedade? Parece que esta vê os seus idosos como fardos a carregar – e, o pior, estes também terminam por se veem desta forma. A solução que a sociedade encontra é prolongar o tempo de trabalho; e os que conseguem se aposentar, têm que continuar, por necessidade, a procurar emprego.”²²

Mishima se pergunta se pode haver uma causa justa para morrer; “pode a morte justa, a morte escolhida por nós em favor de um objetivo selecionado e justo, pode essa morte de fato existir?” Os jovens de hoje, escreve o autor, relatam que não se empenhariam numa guerra injusta como a do Vietnã, mas se fosse por uma causa nacional justa, pelo ideal da salvação humana, iriam satisfeitos para a

²¹ Antônio Ozaí da Silva. *Suicídio, Literatura e Sociologia*. **Revista Espaço Acadêmico**, jan. 2005, n. 44, mensal.

²² Idem, op. cit.

morte. Mishima condena esse discurso, inculcando essa atitude a uma lacuna na educação do pós-guerra, principalmente no que diz respeito a “não repetir o erro dos que morreram em favor de objetivos nacionais enganosos durante a guerra, e de que de agora em diante só morreremos por causas que considerarmos justas”. O autor indaga se os seres humanos, enquanto viverem na ordem de uma nação, poderão de fato limitar-se a esses objetivos que consideram justos; e isso tem o mesmo efeito para se escolhermos viver como indivíduos, sem a premissa da ideia de nação como existência, ou seja, transcendendo-a, a escolha da morte por um justo motivo ou causa será de fato justa ou não?

O *Hagakure* de Yamamoto coloca a minúcia e a presunção dos juízos morais humanos em um estrato bastante diferente da morte; em último caso, não se pode escolher a morte. Mishima salienta na fala daquele autor a proposta da morte em meio a uma crise de vida ou morte, mas que isso não significa ou representa uma escolha pela mesma, pois não temos prescrito um padrão para escolher essa morte.

“O fato de estarmos vivos pode significar que já tenhamos sido escolhidos para alguma finalidade, e se a vida não é aquilo que escolhemos por nós mesmos, então talvez não sejamos, em última análise, livres para morrer. [...] E o que significa, para um ser vivo, o confronto com a morte? Segundo o *Hagakure*, o importante é a pureza de ação. Jocho afirma a elevação da paixão e seu poder, e também o afirma de qualquer morte a que se chegue assim. [...] Realizar a nossa missão, em termos modernos, significa morrer com acerto por uma causa justa, e o *Hagakure* diz que no momento da morte ninguém é capaz de avaliar a justiça da causa.”²³

A predileção pela vida torna natural numa situação encontrar uma desculpa para continuar vivendo; o ser humano pode sempre achar uma desculpa. Este, acrescenta Mishima, simplesmente por estar vivo, é capaz de inventar alguma teoria. O *Hagakure* de Jocho Yamamoto tem expressão na posição relativista, semelhante a qual viver como um covarde que malogra em sua missão, o melhor é morrer. A obra não afirma que na morte não se possa deixar de realizar nossa missão; é nisso que reside o niilismo de seu autor, Yamamoto.

²³ Yukio Mishima. *O Hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, pp. 88-89.

“Temos a tendência a sofrer da ilusão de que somos capazes de morrer por uma convicção, ou uma teoria. O Hagakure insiste em que até mesmo uma morte impiedosa, uma morte fútil que não dá flor nem fruto, tem dignidade como a morte de um ser humano. Se damos tanto valor à dignidade da vida, como podemos não dar valor também à dignidade da morte? Nenhuma morte pode ser considerada fútil.”²⁴

Mishima desconhece a motivação e o ponto de vista daqueles que leem o Hagakure de Jocho Yamamoto atualmente; simplesmente acredita que as considerações da abordagem são o adverso daquelas que predominaram à época da guerra.

“Nossa enorme frustração por não sermos capazes de morrer está aumentando rapidamente. Quando todas as outras exigências são satisfeitas, a morte torna-se o nosso único desejo ainda não satisfeito. E não importa como embelezamos a morte, é fora de dúvida que ela existe e nos consome pouco a pouco.”²⁵

Na discussão sobre os rumos que sociedade moderna poderia tomar, Mishima aponta que o homem tende as grandes “visões” sociais, alternando entre o Estado do bem-estar social e o socialismo, entretanto quando esse ideal parece tangível e palpável, entendia-se dele. Revela que em nosso subconsciente há impulsos profundos e cegos; estes são as expressões das contradições que penetram nossa vida a todo o momento, a todo instante, numa revelação que está desatrelada com as ideias sociais, projetadas para o futuro. Na juventude é que essas contradições se manifestam mais explicitamente; há um confronto, pois aquela guarda em si “o impulso de resistir e o impulso de render-se, em medidas iguais.” Durante a guerra, o impulso de morte foi liberado em detrimento daquele que correspondia ao da vida e liberdade.

O cerne d'O Hagakure de Yukio Mishima perpassa a morte como tensão de uma realidade nacional conflituosa; o impulso de vida sobrepondo o da morte, escondendo-o e olvidando-o, assoma um horizonte de muitos problemas.

²⁴ Ibid., p.89.

²⁵ Ibid., p.85.

O VAZIO

A angústia de Mishima, o seu desajuste aos novos tempos do Japão, implicando o seu favorecimento a “restauração do caminho imperial”, não presencia praticamente apoio algum da sociedade japonesa. José Yamashiro aponta que já não existe mais no país clima para o ressurgimento de um regime imperial, nos moldes clássicos, ainda que a tentativa de Mishima transpareça que a essência do “samuraísmo” não morra de todo.

A ética samurai que fraqueja diante da ambição e materialismo de um Japão agora pacifista se encontra hoje encerrada em outros moldes e aspectos, como por exemplo, na dedicação dos funcionários japoneses a uma empresa; Yamashiro compreende que o bushidô, na sua forma tradicional, não possa renascer na cultura nipônica devido às intensas e profundas transformações sócio-culturais que o país sofrera nas décadas seguintes a rendição, mudando e criando novas mentalidades na geração seguinte. O país, após a incursão desenfreada no consumo de bens estrangeiros nos anos seguintes ao pós-guerra, agora com uma economia mais estabilizada e qualidade de vida melhor, tende buscar caminhos mais seletivos na importação das tecnologias, ideias, ciência, artes e afins, adaptando essas culturas ao gosto e moldes japoneses.

“Os nipônicos aceitam hoje o individualismo ocidental, embora adaptado às peculiaridades nacionais. Existem certos legados culturais, como a noção de *giri* (obrigação, dever, razão correta, dívida de gratidão) e *ninjô* (sentimento humano, natureza humana, compensação ou calor humano, sentimento bondoso) que ainda subsistem apesar das modificações verificadas. A própria ideia de lealdade e devoção ao micado (*chukun*) e amor à terra natal (*aikoku*) sofre evolução para um sentido mais amplo: os homens mais lúcidos parecem sentir que tais conceitos somente têm valor quando abarcam ideais humanos universais, como a paz e a justiça.”²⁶

O embate de Mishima ao longo de sua obra rivaliza justamente com fatores como esses; muitos aspectos que a cultura e a religião japonesa lidavam agora foram abarcados por um sentimento “maior”, de humanidade. Disso resulta

²⁶ José Yamashiro. *História dos Samurais*. 2ª ed – [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil – Japão; Massao Ohno, 1987, p. 251.

em uma censura pelas causas que levaram os japoneses a lutar durante a Segunda Guerra, a frustração seguinte sobre desacordos e impasses quando dos tratados internacionais, como o Tratado de Segurança, estabelecido com os Estados Unidos; Mishima interpreta essas dificuldades políticas como um arremedo de ficção, sentenciando que “a causa pela qual morreram não era digna”, referindo-se aos que foram à guerra, e dirigindo-se a juventude japonesa da sua geração, prostrada diante de tanta “inutilidade”.

Por fim, o Japão, ao lidar com uma modernidade diferente em muitos sentidos daquela experimentada na Restauração Meiji; o moderno é se parecer com o que é ocidental e assim o país se esforça para atingir um novo patamar na organização de sua sociedade, e isso se transforma, por meio da obra de Yukio Mishima, em um grande e desesperado esforço para assimilar novos signos, costumes e hábitos. O autor reforça o desprendimento que a nova geração possui em relação ao tema da morte, ao contrário do apego ao modismo estrangeiro, a dificuldade da política nacional entre outros mais. Mishima usa do Hagakure de Tsunetomo Yamamoto, com suas críticas ao esvaziamento dos valores samurais na sua época, para criar uma literatura que se envereda em apreciação semelhante, porém dirigida proficuamente ao Japão pós-guerra. Yukio Mishima propõe uma catarse aos japoneses cuja protagonista é a morte e cuja presença o povo parece ter, ou querido ter, esquecido.

CAPITULO TRÊS

“Reinam o dinheiro e o materialismo; o moderno Japão é feio.”¹

“A vida humana é breve, mas eu desejaria viver para sempre.”²

À época de sua morte, ensaiada inúmeras vezes, Mishima cometeu-a realizando o *seppuku*, e no fatídico dia teria gritado antes do ato, “longa vida ao imperador”. Entretanto esse imperador de quem ele fala, escreve Michael Wood³, só poderia ser alguém ideal, futuro, talvez num sonho, e não Hirohito, o imperador histórico, quem desapontou Mishima ao renunciar seu status divino ao fim da Segunda Guerra Mundial. Perguntas são indagadas pelo autor; esperava Mishima conduzir um deus à ressurreição? Seu suicídio é inteligível aos ocidentais? É igualmente compreensível para os japoneses em 1970 ou depois? Wood pondera que tais questões não precisam de pressa para ser respondidas e que talvez algumas não necessitem do mesmo.

Marguerite Yourcenar, em pequena biografia da vida e obra⁴ de Mishima, conduz que é bastante difícil avaliar um grande escritor contemporâneo, pois só tempo pode nos dar a perspectiva que está ausente. Se tratando de um escritor que pertence a uma civilização diversa da nossa, essa tarefa se torna ainda mais aflitiva e no caso de Mishima, a atração e a desconfiança em relação ao exotismo fazem sentir a sua influência. A autora destaca a dificuldade na avaliação de sua figura e conseqüentemente num possível erro na sua determinação quando descreve sobre a ávida absorção de elementos ocidentais que se misturam aos de sua cultura e perpassam suas obras, decorrendo diferentes proporções e resultados variáveis.

“É, porém, essa amálgama que faz dele, em muitas das suas obras, um autêntico representante de um Japão violentamente ocidentalizado, mas marcado, apesar disso, por

¹ Yukio Mishima. *O Hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p.78.

² Ibid., p.89.

³ Michael Wood. *Unable to wait for the gods*. New York Times Book Review, 12/14/1986, p11.

⁴ Marguerite Yourcenar. *Mishima ou a visão do vazio*. [S.I.: s.n.], 1987.

características imutáveis. Mas o modo como, em Mishima, as partículas tradicionalmente japonesas vieram à superfície e explodiram na sua morte, acabaram por fazer dele a testemunha, e, no sentido etimológico do termo, o mártir, do Japão heroico a que ele se reuniu remando contra a corrente do seu tempo.”⁵

A tarefa que Yourcenar se empenha, ela mesma avalia mais difícil quando, independente do país de origem ou da civilização do autor, tanto vida como obra foram ricamente variadas, impetuosas, e por vezes sabiamente calculadas, de tal maneira que se divisa nas duas as mesmas astúcias, defeitos e vícios, mas também igualmente as mesmas virtudes, e principalmente grandeza. Assim, pintado tal quadro, se torna infalível para a autora o estabelecimento de um equilíbrio instável entre o nosso interesse pela figura humana, o homem, e aquele que destinamos às suas obras. Brinca com “o tempo em que podíamos gostar de Hamlet sem nos importarmos muito com Shakespeare”. Salienta uma curiosidade grosseira pela historieta biográfica que se tornou característica em nossos tempos.

“Todos tendemos a considerar, não apenas o escritor que, por definição, se exprime nos seus livros, mas também do indivíduo, necessariamente disperso, contraditório e mutável, umas vezes oculto e outras visível e, enfim, e talvez sobretudo, a personagem, essa sombra ou esse reflexo que por vezes o próprio indivíduo (é o caso de Mishima) contribui para projetar, por defesa ou bravata, mas aquém e além dos quais o homem real viveu e morreu, no impenetrável segredo que todas as vidas encerram.”⁶

Revela-se importante na fala da autora, a apresentação do ambiente no qual Mishima cresceu e viveu e cuja família surpreende pela extraordinária variedade de grupos, posições e culturas que se agregam e se entrecruzam, esboçando um quadro que para os que veem de fora parece tornar-se inteligível e fácil de apreender. A linha paterna de Mishima, apenas no século XIX, deixa o campesinato para ascender ao ensino superior, raro e bastante apreciado, bem como a cargos obter cargos públicos. Seu pai era funcionário de um ministério, um burocrata melancólico e submisso, a mãe provinha de uma família de pedagogos confucianos⁷ que carregavam a essência da lógica e da moralidade

⁵ Ibid., p.9.

⁶ Ibid., p.10.

⁷ “Jukyô”. Ensino político-social do sábio chinês Confúcio que repousa na virtude de humanidade, provavelmente transmitido ao Japão por intermédio da Coreia, no século VI.

japonesas; ela foi privada inicialmente da criação do filho em detrimento da avó paterna. Sobre essa, Yourcenar descreve:

“Em contraste, a sua avó era um personagem. Saída de uma família distinta de samurais, bisneta de um *daimiô*⁸ (ou seja, de um príncipe), aparentada mesmo à dinastia dos *Tokugawa*⁹, nela persistia todo um Japão antigo, mas já em parte esquecido, na forma de uma criatura adoentada e um pouco histérica, sujeita aos reumatismos e às nevralgias cranianas, tardiamente casada, à falta de melhor, com um funcionário de estatuto menor”¹⁰

Mishima passou com a avó praticamente toda a sua infância, que vivia “uma vida de luxo, doença e sonho, afastada dessa existência burguesa a que se dedicaria a geração seguinte”. A avó fazia o neto assistir os espetáculos de *Nô*¹¹ e *Kabuki*¹², ao mesmo que assistia a suas crises nervosas, vestindo-o, por capricho, com roupas de menina, enfim,

“Esta fada louca semeou, sem dúvida, nele, esse grão de loucura até há pouco considerado inseparável do gênio; deu-lhe, em todo o caso, esse horizonte de duas gerações, ou às vezes mais, que possui qualquer criança que cresceu perto de uma pessoa idosa. A este contato precoce com uma alma e uma carne doentias, Mishima ficou talvez a dever [...], a sua primeira sensação de estranheza das coisas. [...] Ninguém nega que [...] um ambiente tão bizarro deve ter traumatizado mais ou menos o jovem em que Mishima se tornou. [...] A loucura, a lenta decomposição e o desordenado amor da velha mulher doente são, pelo contrário, o que um poeta iria procurar nesta vida de poeta, um primeiro quadro no breve e brutal cenário da morte”¹³

Mishima, na sua juventude, era uma pessoa doente e se considerava mesmo tuberculoso à essa época; dedicava, em quaisquer que fossem suas distrações e ocupações que durante sua vida, algumas horas do dia para fazer

⁸“Grande Nome”. Título dado a todos os senhores que governavam grandes territórios e que possuíam um grande número de vassalos.

⁹“Tokugawa-Jidai”. Período de governo dos shogun Tokugawa em Edo, de 1603 a 1868. Também conhecido como “Edo-Jidai”.

¹⁰Marguerite Yourcenar. *Mishima ou a visão do vazio*. [S.I.: s.n.], 1987, p.15.

¹¹Forma aristocrática de espetáculo cantado e dançado. Gênero de drama que representa dois tipos de peças teatrais: sobre histórias reais e aquelas em que intervêm seres sobrenaturais. Ambas misturam uma espécie de sincretismo, budismo e crenças *shintô*.

¹² Uma das formas mais importantes do teatro japonês, criada por volta de 1603.

¹³ Marguerite Yourcenar. *Mishima ou a visão do vazio*. [S.I.: s.n.], 1987, p.15.

exercícios físicos afim de fortalecer seu corpo. Nesse ínterim, nem o álcool e nem os serões literários conseguiam-no seduzir; Mishima, escreve Yourcenar, trancava-se em seu escritórios por duas horas ou mais, depois da meia-noite, para dedicar-se por cerca de mais duas horas aos seus textos mais correntes, aqueles de fabrico mais ou menos instantâneo, onde o escritor, em início de carreira, não tem muitas possibilidades de escolha. Todavia, nessas mesmas noites, e pela madrugada adentro, ele se dedicava aos *seus livros*.

“Parece impossível que a mediocridade, o artifício e o pré-fabricado característicos da literatura produzida para uso das massas leitoras, mas não pensantes – que esperam que o escritor lhes devolva a imagem que fazem do mundo, contrariamente àquilo a que o seu próprio gênio o obriga – não invadissem, às vezes, as suas obras autênticas.”¹⁴

Algumas obras do início da carreira do escritor pertencem com a autora descreve, a uma inclinação rara de ter o presente capturado no próprio instante, imediatamente; nisto se encerra a vontade de fixar-nos próprios locais a atualidade que vive, levando às últimas consequências. Seus livros revelam o teor de reportagens e elaboração de romance apressado. Em muitos predominam a influência europeia; Yourcenar cita *O Pavilhão Dourado*, *Sede de Amor* e *O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar* como obras que apresentam tais marcas. Sobre essa imagem de Mishima, que viveu intensamente um Japão do pós-guerra, num ambiente de continuidades e rupturas entre a modernidade e a tradição, que se mostram complementares e não contraditórias, ela escreve:

“De certo modo, poderíamos dizer que até cerca dos quarenta anos, este homem que não tinha sido alterado pela guerra – era pelos menos isso o que ele pensava – realizou em si a evolução de um Japão que passara rapidamente do heroísmo nos campos de batalha à aceitação passiva da ocupação, reconvertendo as suas energias no sentido desta outra forma de imperialismo que é a ocidentalização extrema e o desenvolvimento econômico a todo custo. São imagens características deste tempo, as fotografias de Mishima em *smoking* ou fraque, cortando a primeira fatia do seu bolo de noivado na *International House* de Tóquio, santuário do Japão americanizado; ou ainda as de Mishima dando conferências num impecável fato de homem de negócios, persuadido que um intelectual deve ser igual a um banqueiro. Mas as obsessões, as paixões e as decepções da

¹⁴Ibid.. p.22.

adolescência e da idade adulta, continuavam a sua marcha subterrâneas e nos livros, cujas cavernas se tornaram labirínticas.”¹⁵

O sucesso do livro que Yourcenar julga ser a obra-prima de Mishima, a tetralogia *O Mar da Fertilidade*, ressalta que o que merece ser considerado atraente no escritor é perceber por quais caminhos Mishima, no seu brilho, na adulação, e mesmo detestado pelas suas provocações e êxito, tornara-se lentamente, um homem determinado a morrer. Percebe ser em parte inútil o sinal da atração pela morte frequentemente surgir naquelas pessoas ávidas pela vida, nota-se isso nos primeiros livros de Mishima. O mais importante nisso é compreender o momento em que ele procede um tipo de morte e transformado-a em sua obra-prima.

Os casos de decepção e frustração por ele experimentados têm um episódio exatamente um ano antes de sua morte, em 1969; esperava então receber o Prêmio Nobel, mas viu sê-lo entregue a um amigo seu, o escritor Kawabata.

“Compreende-se uma tal reação por parte de um homem quase ingenuamente ávido de honras vindas do estrangeiro, tanto mais que a decisão de morrer em breve excluía uma nova oportunidade. Mas tal pesar ocupou apenas, certamente, a parte mais superficial do seu ser. O que se sabe ao certo, é que Mishima se apressou a transmitir ao velho mestre, [...] as suas felicitações e homenagens.”¹⁶

Marguerite Yourcenar salienta outros infortúnios e inconveniências no decorrer da vida do autor; um processo de difamação movido por um político por se ver reconhecido em uma personagem de seu livro *Depois do Banquete*, um escândalo por causa da divulgação de fotografias consideradas eróticas, desejoso de fazer cinema, ganha papel em filme americano sem relevo, o que acabara deixando-o bastante aborrecido, mais do que deprimido. Yourcenar reproduz então o quadro melancólico que se segue:

“E, no entanto, o nível de desgosto e da sensação de vazio ia subindo, um vazio que ainda não era o Vazio perfeito do jardim da abadessa, mas o vazio de toda a vida, fracassada ou conseguida, ou ao mesmo tempo uma coisa e outra. As forças do escritor não tinham

¹⁵Ibid., p.24.

¹⁶Ibid., pp.63-64.

diminuído; esses anos fervilharam de obras, oscilando entre o melhor e o pior da sua produção. Todas as provas que exigem dureza ou disciplina o atraem então, [...] menos por sensacionalismo, do que enquanto etapa para um saber visceral e muscular.”¹⁷

“O exercício muscular elucida os mitos que as palavras tinham criado.”¹⁸
Escreve Mishima; o treino físico torna-se uma via de acesso a um conhecimento espiritual. Pouco a pouco, constata Yourcenar, Mishima percebe que o corpo, no percurso do treino atlético, tem a capacidade de ser intelectualizado em um grau mais elevado e obter dessa forma uma intimidade com as ideias mais próxima que a do espírito.

“A arte, neste caso a arte de escrever, tem como vocação canalizar em seu proveito essa energia incondicionada, mas as palavras perderam o sabor e ele sabe, sem dúvida, que não pode escrever bons livros quem se consagra por inteiro a escrever livros. A política, com as suas ambições, compromissos, mentiras, baixezas ou maldades mais ou menos camufladas em razões de Estado, parece certamente a mais ilusória das atividades possíveis: e no entanto os últimos atos e a morte de Mishima, serão ‘politizados’.”¹⁹

Entretanto, o desprezo de Mishima pela política torna-o um militante contra esse mesmo desdém em relação à desordem política do seu tempo; e mais ainda, destaca Yourcenar, isso se junta a delicada situação de um Japão ligado por tratados e alianças ao seu antigo inimigo, os Estados Unidos. Os acontecimentos que se passaram antes, durante e depois da guerra com a seguida e derradeira derrota do país, Mishima negou essas influências na sua adolescência, sejam os suicídios de civis e militares nas ilhas japonesas conquistadas, os bombardeios à Tóquio, tremores de terra... Episódios assim, ignorados e recusados por então um sensível jovem de vinte anos.

“O sacrifício dos *kamikaze*, lançando seus aviões sem trem de aterragem contra a chaminé e a casa das máquinas dos navios inimigos, não parece ter então comovido muito um Mishima que, dispensado do serviço militar, saiu a dançar do centro de recrutamento, acompanhado pai, patriota, mas que igualmente se pôs a dançar.”²⁰

¹⁷ Ibid., p.65.

¹⁸ Yukio Mishima. *Sol e Aço* (Taiyô to Tetsu), 1970.

¹⁹ Marguerite Yourcenar. *Mishima ou a visão do vazio*. [S.I.: s.n.], 1987, pp.67-68.

²⁰ Ibid., p.70.

O mesmo transcorre quando do discurso do imperador por meios dos rádios, declinando da guerra e renunciando sua qualidade como representante de uma dinastia genuína; “a imensa necessidade de acabar com a guerra tinha amortecido o impacto desses acontecimentos no jovem escritor, o mesmo acontecendo em relação ao povo japonês.”²¹

Apenas a partir do ano de 1966, surge um Mishima mais politizado, distante daquele que ignorou veementemente as catástrofes e o caos que atravessava o país e o seu povo. Marguerite Yourcenar invoca o seguinte fragmento de prosa em poema de Mishima: “Soldados corajosos morreram porque um deus lhes ordenara que combatessem e menos de seis meses mais tarde essa batalha selvagem terminou de súbito porque um deus ordenou o cessar-fogo. Mas sua Majestade declarou: na verdade também sou um mortal! E isso menos de um ano depois de nos termos lançado como granadas contra os flancos dos navios inimigos, morrendo pelo nosso imperador que era um deus! Por que é que o imperador se tornou um homem?”²² Ele é análogo a um outro²³ onde Mishima culpa um Japão de “barriga cheia”, onde “o prazer perdeu o sabor” e onde a “inocência é vendida nos mercados”. Para um homem revoltado contra a lassidão de sua época, o vislumbre do brado dos *kamikaze* não soa mais do que vozes envelhecidas pelos vinte anos que os separam.

Inabalável em suas convicções mesmo após a renúncia do imperador, Mishima cria, em 1968, o *Tate no Kai*²⁴, um grupo que ele deu contornos paramilitares formado por cem homens. Yourcenar compreende-o como um modelo perigoso,

“... Surge quase fatalmente nos países obrigados por tratados a terem um exército fraco e uma política na esteira e a reboque da do seu antigo inimigo. [...] Sabemos que na consciência do seu chefe este *Escudo*, é o ‘Escudo do Imperador’. Mas tal como acontece na maioria das sociedades secretas, os seus objetivos precisos mantêm-se ocultos, não apenas ao público, mas até aos participantes e possivelmente ao próprio chefe.”²⁵

²¹ Ibid., p.70.

²² A autora não menciona em sua obra qualquer referência ao nome do poema ou data de publicação.

²³ Igualmente aqui, Yourcenar não revela que obra é essa.

²⁴ “Associação do Escudo”.

²⁵ Marguerite Yourcenar. *Mishima ou a visão do vazio*. [S.I.: s.n.], 1987, pp.75-76.

À morte ritual de seu líder, executando o *seppuku*, o grupo dissolveu-se imediatamente em seguida,

“O que não prova necessariamente que se tratasse de um brinquedo fabricado e depois destruído a seu bel-prazer por um exibicionista ou um megalômano. Este punhado de homens militarizados parecia, aos seus contemporâneos, insignificante, anódino, ou mesmo ridículo, mas não se pode atualmente ter a certeza de se é correto considerá-lo assim. Já vimos demasiadas vezes como países que todos pensavam estar ocidentalizados, ou em vias de o serem, e aparentemente contentes por isso, nos reservam surpresas e como são sempre pequenos inicialmente desdenhados ou tratados com ironia que realizam essas subversões. Se alguma vez triunfar no Japão [...] uma revolução nacional ou reacionária, poderemos considerar a Associação do Escudo como sua precursora.”²⁶

Mishima incorre no erro de não ter visto que mesmo que o “rosto de Sua Majestade resplandecesse de novo ao Sol nascente”, no mundo e no Japão continuaria a existir as “barrigas cheias” ou a “inocência vendida”. Yourcenar estranha o escritor que tão bem descreve em *O Mar da Fertilidade* um Japão que alcançou um patamar de não retorno, tenha pensado e acreditado que algo poderia ser feito por meio de gestos violentos. A forma como desfere o seu *seppuku*, Mishima, em inúmeras ocasiões já ensaiava rituais de morte, seja atuando em filmes, fotografias, em peça do *Kabuki*, ou experimentando o próprio *seppuku* por diversas vezes.

"Podemos optar entre ver nessas imagens o exibicionismo e a obsessão doentia pela morte, o que é a explicação mais cômoda para um ocidental ou mesmo para um japonês atual ou, pelo contrário, uma preparação metódica com vista ao confronto com a morte, tal como o recomenda o famoso tratado Hagakure, nascido do espírito samurai do século XVII e que Mishima leu mais de uma vez.[...] Há duas espécies de seres humanos: os que afastam a morte do pensamento e aqueles que, pelo contrário, se sentem tanto mais sábios e intensamente vivos quando a descobrem em cada um dos sinais que ela lhes faz através das sensações do corpo ou os acasos do mundo exterior. Estes dois gêneros de seres nunca de misturam.”²⁷

²⁶ Ibid., p.77.

²⁷ Ibid., p.81.

Em seguida Yourcenar se debruça sobre um filme, *Yuukoku*, de 1966, o qual Mishima, além de atuar, dirige e escreve. Ela detalha cada cena dessa obra traumatizante, onde existem apenas duas personagens, a de Mishima e de sua esposa. O filme tem como palavra-chave, “lealdade”; a personagem de Mishima, na história desse drama, deve-a em relação aos seus companheiros mortos em um confronto com revoltosos, e a esposa é guiada pela lealdade em relação ao marido. Os dois fazem um pacto, ele ensaia o *seppuku* diante dela, muito estremecida, mas firme, depois dele, ela deveria segui-lo. E assim se sucede. A personagem de Mishima *representa* sua morte, sua esposa então tem que desferi-lo com um golpe de espada no pescoço... Ela então se prepara para ir junto a ele; vai ao aposento ao lado e prepara a maquiagem fúnebre, veste um quimono branco, a barra deste e as meias estão todas manchadas de sangue, em seguida acomoda-se ao lado do marido e num instante depois corta a própria garganta e cai diagonalmente sobre o outro corpo inerte.

A tensa descrição serve para ilustrar a comparação que a autora pretende com a própria morte de Mishima, na distância que se encontram ambas; uma mergulhada na sombria ou clara luz da eternidade, encerrada na perfeição da arte; a outra ressalta a vida, seus fracassos, dúvidas e incongruências,

“... resultantes, sem dúvida, da nossa incapacidade de irmos, no momento preciso, ao fundo dos seres e ao fundo das coisas. Mas uma tal razão revela-nos também, pelo mesmo motivo, a incalculável estranheza da vida real e que poderíamos designar, recorrendo a uma palavra um tanto usada, por existencial.”²⁸

Concluindo, o desfecho da morte do Mishima real, aquele com o seu *Tate no Kai*, apontam essa vida que Yourcenar descreve, cheia de percalços e temores e dúvidas. Uma turbulenta tentativa de significar uma mudança, mas que no fim, a cabeça decapitada de Mishima à golpe de espada, torna-se uma imagem imóvel, estrutura destruída a qual não é possível meditar porque justamente nos faltam dados disponíveis para refletir... Diferente da mesma imagem encerrada nos contornos da arte.

²⁸ Ibid., p.87.

Considerações Finais

O declínio do Japão imperialista foi à tona quando do lançamento das duas bombas sobre seu território; os japoneses estavam catatônicos, era difícil dizer se aquilo realmente acontecera ou não. O país, a partir desse momento, conheceu, experimentou, continuou e interrompeu processos e significados. Foi um difícil e doloroso reerguimento, tanto físico, espiritual e sentimental. Grandes empresas e indústrias dos EUA não conseguiram, inicialmente, ajustar aos seus moldes o mercado nipônico que estava completamente fragmentado. O controle do que haveria de ser feito ficou a cargo do SCAP, que obtiveram grande influência e poder de decisão sobre os rumos políticos do Japão, já que o governo americano e o CCEO não chegavam a um acordo comum, mas também porque não queriam interferir demasiadamente na autoridade e presença do SCAP naquele país.

Os Estados Unidos se precipitaram duas vezes com o andar dos acontecimentos; a primeira foi quando, num primeiro momento, decidiram assistir o Japão apenas politicamente, a segunda tem a ver com a abolição do corpo militar japonês, aeronáutica, marinha e exército.

No primeiro caso, o erro foi não vislumbrar a ameaça soviética que ensaiava os passos no percurso naquela região da Ásia; a decisão inicial de deixar por conta dos japoneses sua reconstrução econômica e social, levou os americanos a terem uma certa pressa na etapa seguinte. Com isso, pouco a pouco e com muito trabalho, os japoneses puderam estabilizar minimamente suas vidas. Na realidade o viés político e seu peso para o SCAP têm relação com a restrição da “personalidade” do país: um Japão imperialista era altamente nocivo na sua concepção. O medo e a apreensão da URSS levaram definitivamente os americanos a interferirem na economia japonesa, a ideia era fortalecer o país e tê-lo, a partir de agora, como uma espécie de barreira de contenção à influência do socialismo naquela parte do Oriente. O Japão, ao contrário do que ocorrera com a Alemanha, não foi esfaqueado e dividido pelos vencedores, tornou-se aliado simbólico dos Estados Unidos naquele sensível momento.

O problema seguinte se trata da proibição dos japoneses de possuírem Forças Armadas; isso se deveu à nova Constituição do país. Por meio do Artigo 9, o Japão

renunciava para sempre o Estado de beligerância. À medida que o temor americano crescia em relação aos soviéticos, isso se mostrou uma bela e traiçoeira armadilha. Como o Japão poderia auxiliar os Estados Unidos na sua empreitada no enfraquecimento da influência socialista sem um corpo de guerra?

Ao longo das décadas seguintes ao pós-guerra, o Japão soube se aproveitar muito bem dessa condição que lhe coube. Se o país sofresse alguma espécie de ameaça, os americanos deviam vir-lhe em socorro imediato, fora que estes garantiam aos japoneses as matérias-primas de que necessitavam para o reerguimento da sua economia e mercado. O Japão pôde fortalecer, de algum modo, nessas condições, a reduzida força militar que lhe foi restringida; entretanto o seu uso era extremamente encerrado em rígidos fatores, seja ele espacial, físico ou político.

Além disso, vimos que as consequências da guerra trouxeram aos nipônicos sérias e delicadas tensões; o individualismo daqueles que se sacrificaram na guerra em nome do imperador, em nome daquilo em que acreditavam, tornou-se tópico para ser esquecido. O Japão tornou-se um país dividido entre a sua história imperialista, a conduta dos preceitos samurais e o fenômeno materialista que despertou na sociedade. A modernidade e a tradição se chocaram, mas mais do que se subtraírem, ambas se complementam. A sociedade japonesa pôde aperfeiçoar significados e posturas internas; o malogro na guerra e a absorção de cultura e bens estrangeiros proporcionaram ao país, depois de um segundo olhar, novas maneiras de caracterizar o que era “japonês”. Mais do que enfraquecer, a tensão entre tradição e modernidade trouxeram importantes frutos para o país.

Esse conflito moral do Japão do pós-guerra tornou-se frustrante e quase insuportável para o escritor Yukio Mishima; ele promoveu uma forte e eloquente crítica à sociedade e política japonesas por meio do manuscrito *Hagakure* de Tsunetomo Yamamoto, elaborado entre os séculos XVII e XVIII, cujo autor incutiu teor crítico semelhante em relação aos samurais de sua época que perdiam, lentamente, determinadas posturas e valores que lhes cabiam desempenhar. Mishima aplicou determinados conceitos e idéias ali prescritos ao que estava acontecendo no seu tempo. A sua fixação na representação da morte e no modo de enxergar a importância de pensá-la para o bem-estar do ser-humano, foram únicas para a compreensão de suas convicções através daquilo que fazia. Para ele, os japoneses haviam perdido ou abandonado o valor que era a reflexão sobre morrer, e ao contrário, o que lhes

interessava agora era aumentar seus bens materiais, “viver o mais tempo possível” tornara-se o lema do povo e assim não podiam ver o mal que havia nessa omissão.

Alguns pontos na fala de Mishima, no seu *O Hagakure*, e que trabalhei ao longo do segundo capítulo tratavam do suicídio visto dentro do conjunto dos códigos samurais e pontuando sua individualidade e coletividade do ato. O escritor não vê, dialogando paralelamente com Jocho Yamamoto, nas motivações do suicida (referindo-se especialmente aos *kamikaze*), a capacidade de quem está fora de julgá-la como justa ou não, tudo é questão de ação.

Trago no último capítulo a obra de Marguerite Yourcenar a fim de esmiuçar um pouco mais a personalidade e pensamentos de Yukio Mishima; com uma infância relativamente restrita e adolescência passadas em meio à guerra, ele amadureceu seus ideais à medida que lentamente era consumido por uma labiríntica força que o impulsionava para um silêncio ensurdecedor. O que para ele significava um bom escritor era trabalhar a mente e o corpo continuamente; seus trabalhos e mesmo o filme *Yuukoku* apresentado aqui, dialogam com a questão do corpo e com os rituais de morte. A sua sensível percepção e expoente incompreensão o levaram a cometer atos deliberadamente extremados, como a criação do *Tate no Kai*, do início até o fim visto pelos japoneses como um desempenho anacrônico e sem eco na sociedade. O grupo formado por cem integrantes tentou promover um último e real esforço para chamar a atenção de um Japão desorientado e enfraquecido pelas suas próprias escolhas.

Referências Bibliográficas

BEASLEY, W., G.. Tradition and modernity in post-war Japan. Asian Affairs, fev. 1980, vol. 11. Disponível em: EBSCOhost, base de dados: Academic Search Premier.

BERTONHA, João Fábio. A remilitarização do Japão e a geopolítica do Extremo Oriente. **Revista Espaço Acadêmico**, jul. 2001, ano I, n. 02, mensal. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/002/02bert.htm>>

CIA – THE WORLD FACTBOOK. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>>

CONSTITUIÇÃO DO JAPÃO. Disponível em: <<http://content.yudu.com/Library/A1jiq3/AConstituiodoJapoPor/resources/33.htm>>

ETO, Jun. **Uma nação renascida**: breve história do Japão de pós-guerra. Rio de Janeiro: Consulado Geral do Japão, 1976.

ENCICLOPÉDIA BRITANICA. Disponível em: <<http://www.britannica.com/>>

FRÉDÉRIC, Louis. **O Japão**: dicionário e civilização. São Paulo: Globo, 2008.

FRIEDMAN, George. LEBARD, Meredith. **EUA x Japão**: guerra à vista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

HURST III, G. Cameron. **Death, honor, and loyalty**: the bushido ideal. Philosophy East & West, out. 1990, vol. 40, p. 511. Disponível em: EBSCOhost, base de dados: Academic Search Premier.

LIBRARY OF CONGRESS. Disponível em: <<http://www.loc.gov/index.html>>

LIMA, Raymundo de. O suicídio-espetáculo na sociedade do espetáculo. **Revista Espaço Acadêmico**, jan. 2005, n. 44, mensal. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44elima.htm>>

MISHIMA, Yukio. **O Hagakure**: a ética dos samurais e o Japão moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

RATTNER, Henrique. Revisitando o “milagre” japonês. **Revista Espaço Acadêmico**, set. 2003, n. 28, mensal. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/028/28rattner.htm>>

SILVA, Antônio Ozaí da. Suicídio, Literatura e Sociologia. **Revista Espaço Acadêmico**, jan. 2005, n. 44, mensal. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eozaai.htm>>

UENO, Kayoko. O suicídio é o maior produto de exportação do Japão? Notas sobre a cultura de suicídio no Japão. Trad. Eva Paulino Bueno. **Revista Espaço Acadêmico**, jan. 2005, n. 44, mensal. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/044/44eueno.htm>>

WOOD, Michael. Unable to wait for the gods. New York Times Book Review, 12/14/1986, p11. Disponível em: EBSCOhost, base de dados: Academic Search Premier.

YAMASHIRO, José. História dos Samurais/. 2ª Ed – [São Paulo]: Aliança Cultural Brasil – Japão; Massao Ohno, 1987.

YOURCENAR, Marguerite, Mishima ou a visão do vazio. [S.I.: s.n.], 1987.